

AUMENTANDO O CONHECIMENTO POPULAR SOBRE A CIÊNCIA

Iván Izquierdo - Centro de Memória, Instituto de Pesquisas Biomédicas, PUC-RS

Nos países mais avançados, o público está bastante a par dos principais conhecimentos científicos. Disso se encarrega a educação primária, secundária e universitária, e também a mídia; e todos esses segmentos da sociedade vêm fazendo isto há décadas; em alguns casos (Inglaterra, Alemanha, França), séculos. Isso faz com que a ciência nesses países seja aceita e estimulada pela população através de seus representantes. Em consequência, o desenvolvimento tecnológico desses países é alto já que, como sabemos, ele se fundamenta na ciência. Só aparece e floresce a tecnologia em meios em que existe ciência, e da interação entre ambas surge um processo de mútua retro-alimentação do qual resulta o desenvolvimento econômico. A economia, cada vez mais, e de maneira mais visível, fundamenta-se na tecnologia e depende dela.

No Brasil o público conhece pouco sobre ciência. A parcela da população brasileira que sequer lê notícias sobre ciência é muito baixa. Quando as pessoas lêem ou quando alguém lhes apresenta alguma notícia científica, as pessoas acham que estamos nos referindo a algum país estrangeiro. Numa pesquisa recente, realizada em janeiro entre 50 funcionários e alunos de pós-graduação de duas universidades brasileiras, perguntei “em que país foram feitas mais pesquisas de ponta nos últimos seis meses?”; as respostas foram, pela ordem: Estados Unidos, Japão, China, Argentina, Rússia. Nem sequer essa ordem condiz com a realidade. Em termos de produção científica e tecnológica, a ordem verdadeira é: Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, França, Japão. Logo a seguir vêm Canadá, Austrália, Itália e os países escandinavos. Na América Latina a produção brasileira é maior que a da Argentina, que por sua vez é superior à do México, que está na frente da Rússia.

Persiste, no Brasil, uma crença generalizada de que “ciência é coisa do primeiro mundo”; ou, pelo menos, alheia ao país. Ignora-se, ou não é levada a sério, a ciência feita no Brasil.

Isso desestimula nossos legisladores, governadores, ministros e autoridades em geral a promover nosso desenvolvimento tecnológico. Como a palavra “ciência” designa uma coisa exótica ou ignorada, não dá votos. Isto cria um círculo vicioso de menosprezo de nosso pró-

prio país, que é visto assim como irremediavelmente atrasado e subdesenvolvido; algo assim como um país condenado por sua incapacidade intrínseca de ocupar os últimos degraus entre as nações, exceto no referente a futebol ou samba.

Inerente ao problema é nossa longa tradição de baixa auto-estima. Até os anos 30, a maioria dos clubes de futebol não incluía jogadores negros porque os dirigentes e o público branco pensavam que eram esportiva ou animicamente inferiores. A miscigenação era vista então como um defeito congênito, como algo infelizmente inevitável, e não como uma fonte de riqueza social, cultural, estética e esportiva. Quando muito, o negro era visto como uma figura ridícula, desengonçada, de olhos sempre arregalados, que não sabia falar direito; assim criou-se uma espécie de arquétipo negativo para a algaravia geral, e popularizou-se essa imagem no rádio, nos filmes, e mais tarde na televisão. Só nos últimos poucos anos apareceram nas novelas negros ou negras representando pessoas reais, com ambições e problemas como tem qualquer ser humano seja qual for sua cor.

Em resposta à procura, a mídia acrescentou ao negro outras figuras também da classe não-proprietária, representadas por indivíduos ridículos e/ou, em teoria, de poucas luzes. Glorificou-se o gaiato, o matuto, o ignorante, o que não sabe falar direito; isto é, sempre que demonstrem possuir o famoso “jeitinho”. Ou ser malandros, arteiros, arditos. Ou, inclusive, mal-intencionados. Tudo isso ajuda a manter nossa auto-estima baixa, como povo, já que dissemina a idéia de que somos um conjunto de pessoas ignorantes e absurdas, mais ou menos indignas de respeito, e certamente incapazes de gerar criações intelectuais de vulto.

Além disso, e em parte como consequência disso, existe no Brasil um profundo e generalizado menosprezo pela cultura, praticado através da burla ou da zombaria. Concentram-se esforços na promoção da cultura dita popular às expensas da cultura e do conhecimento reais. O povo é quase que sistematicamente ensinado a rir daquilo que não é cultura popular, e a adorar o que lhe impingem como tal.

Isto implica na falta de consciência da inserção do Brasil no mundo ocidental, e explica essa falta de consciência. Errada e reiteradamente postula-se que o país representa “uma nova civilização nos trópicos”, o qual implica o desconhecimento do que seja realmente uma civilização e do que sejam os trópicos. Civilizações foram a greco-romana, a chinesa, a japonesa; civilização é hoje em dia esta em que vivemos, a chamada Ocidental. A ela pertencem muitos países, cada um com hábitos e costumes próprios. Poderia até se falar em “cultura

brasileira” como uma variante com características próprias, assim como se fala na “cultura francesa” o na “cultura inglesa”. Mas dentro da civilização ocidental; o Brasil ainda não fez nada comparável ao que fizeram os gregos e os romanos, ou em seu momento os assírios ou os egípcios, como para se atrever a ostentar o título de criador de uma nova civilização. Aceitar isto último equivale a endossar a postulação do Brasil como país exótico, país da eterna improvisação, do sexo fácil, da vida fácil, do malandro ou do aproveitador; é insinuar que tudo isso pode ser um modelo, derivado basicamente do abuso sexual das escravas pelos patrões durante uma fase que durou tempo demais.

Quem pensa no Brasil como possuidor de uma civilização própria ignora que falamos e escrevemos numa língua europeia derivada do latim; que desde a exploração do café até o futebol, utilizamos técnicas e regimentos importados; que nossa cultura, nossa economia e nossa vida política estão desenhadas nos moldes europeus. Ignora também que nossa música deve bastante à Europa, mas mais ainda à África e aos Estados Unidos, quando não aos países vizinhos. Portugal, Itália, Alemanha, França, Espanha, Inglaterra e Estados Unidos estão dentro de nós, junto com a África e com um pouco de nossos índios; destes últimos incorporamos pouco mesmo, pouco demais. Com eles praticamos desde o genocídio até o desprezo legal; uma espécie de “apartheid” embaixo de um manto aparentemente benevolente.

Que fazer?

Para aumentar o conhecimento e conscientização popular sobre a ciência, devemos preparar nosso povo; coisa que demandará gerações, mas cujo começo pode ser já.

Primeiro, devemos fazer com que os brasileiros leiam mais. Alfabetizar mais profundamente e melhor; hoje, 80% dos brasileiros são alfabetizados, mas, deles, só um 30% lê jornais ocasional ou diariamente, e 80% jamais lê ou lerá um livro. Ou seja, atualmente 20% da população não lê nada, 56% lê pouco, e 84% não lê livros. Só 16% da população está realmente em condições de ler sobre ciência ou qualquer outro assunto. Sem público-alvo, não há campanha que funcione...

Em segundo lugar, incentivar a noção de que o Brasil não é um país único, ímpar e diferente dos demais, mas é, pelo contrário, é um país que está profunda e vigorosamente inse-

rido no mundo a que pertencemos. Como todos os demais países de Ocidente, e não menos do que ninguém.

Quando necessário, devemos incentivar essa inserção; um bom exemplo é a atual política exterior do Brasil em que se promove ativamente a integração sul-americana. O Presidente disse, com razão, que nossas soluções não virão nem do norte, nem do além-mar, nem de nós mesmos isolados do resto. Virão da comunhão com os países que nos rodeiam, virão fundamentalmente de nossa integração com o resto da América Latina.

A falta de auto-estima ocasiona no Brasil arroubos chauvinistas como forma de auto-afirmação. Quando ouvem falar nos países vizinhos, muitos brasileiros emitem de forma quase automática a palavra “hegemonia”, que sem dúvida espanta os interlocutores. A palavra denota uma espécie de expectativa permanente de algum jogo importante da seleção de futebol. Alguém, tão desavisado como aquele que falou da “nova civilização nos trópicos”, disse por sua vez que “a seleção é a pátria de chuteiras”. Que triste, que pobre seria o Brasil se isso fosse realmente verdade. Reduzir o conceito grandioso de pátria, um território enorme habitado por quase duzentos milhões de pessoas e com uma história tão rica como sua geografia, ao desempenho num esporte ou em outro. Eu prefiro a frase de Monteiro Lobato, “uma nação se faz com homens e livros”, e ser consciente de que, no Brasil, a maioria dos livros estão ainda por serem escritos.

É preciso conscientizar nossas classes políticas e a nossa mídia destes problemas. E de que o culto reiterado e semi-permanente do exotismo e a prática nem sempre ocasional do chauvinismo (também chamado de ufanismo) não ajuda à integração; e de que sem integração não há futuro. Ambos os problemas são na verdade bastante banais, mas não é bom dissimulá-los sob um manto de sorrisos. Este é um hábito nacional que aqui não serve; trata-se do futuro do Brasil, não de um olhar retrospectivo sobre um passado digno de dissimulo.

E além disso, e depois disso?

Mas além de, ou depois de, essas medidas de índole geral que dizem respeito a que tipo de habitantes de Ocidente nós queremos ser, há medidas de tipo específico que devem e podem ser adotadas em termos de educação primária e secundária.

Deveria se incluir na escola de primeiro grau, desde a primeira série, como parte integrante dos programas letivos, noções sobre o valor da ciência para a vida cotidiana das pessoas e do país em geral, em termos de saúde, transporte, alimentação, da economia em geral, da economia regional, etc. Para instrumentar isso, deveriam se criar manuais ou livros de texto apropriados, com participação de cientistas brasileiros; talvez recrutados através da Academia Brasileira de Ciências em conjunto com o CNPq. .

Deveriam se promover, também, quando possível, palestras e seminários nas escolas, a cargo de cientistas de nosso meio.

Nas escolas, pode se utilizar muito bem a informação da mídia para fundamentar essas aulas ou palestras. A informação existe e está em geral disponível; só que, como vimos, poucos brasileiros a lêem; as escolas poderiam se encarregar de difundi-la. Encontra-se esse tipo de informação na TV (Globo Ciência, etc.), jornais e revistas.

Devemos incentivar os professores da escola primária e secundária a ler e aprender o que dizem revistas como “Ciência Hoje”, “Discovery”, “Galileu”, “Super-interessante”, etc., onde sempre aparece material a ser discutido com os alunos, desde a 1ª. Série do 1º. Grau até os cursos superiores. Esse material é geralmente de conhecimento geral entre estudantes dos países mais desenvolvidos; conhecê-lo é parte de sua cultura. Entre nós, pelo contrário, é impressionante o desconhecimento do resto da ciência e da cultura observável entre muitos alunos até de pós-graduação.

E também seria importante convidar cientistas para descrever, em poucas palavras, a pesquisa que está sendo feita no Brasil. Trataria-se de gravar essas entrevistas e difundi-las nas escolas, colégios e universidades. Os estudantes dos diversos níveis teriam, assim, a oportunidade de conhecer de primeira mão que é o que se faz aqui.

Há muita pesquisa boa e importante feita no país. Há muitas áreas das ciências em que estamos na frente. Nem tudo no Brasil está mal nem é um desastre; na área da saúde, na física, nas matemáticas, há talvez ainda poucos, mas sem dúvida excelentes cultores da ciência de primeira linha em nosso país. Todo esse material poderia ser incluído nos planos de estudo como um renovado “Estudo dos Problemas Brasileiros”. O subdesenvolvimento baseado na ignorância é um dos problemas brasileiros mais prementes: está freando nosso desenvolvimento e nossa realização como país! E certamente o descaso e desinteresse em relação



com a ciência em geral, e a ciência feita no país em particular, são uma manifestação assustadora e perigosa desses problemas.

Não é empurrando os problemas brasileiros para baixo do tapete e gritando “Brasil” que vamos a solucioná-los. E devemos solucioná-los; é função desta geração fazê-lo. Somos um país já não tão novo, e ainda pobre; não podemos continuar protelando a tarefa de solucionar nossos problemas. Hoje em dia, ficar atrás dos outros, como nação, pode significar uma defasagem que talvez não seja contornável em poucas décadas. Entre os problemas brasileiros grandes que temos que solucionar, estão o tamanho ainda pequeno de nosso parque científico e tecnológico, e o relativo desconhecimento que dele tem a população como um todo; o qual é um empecilho básico para seu desenvolvimento e a conseqüente redução de nossa dependência econômica.